
ACOLHIDA NO CONTEXTO BÍBLICO E EXTRA-BÍBLICO VÉTERO-TESTAMENTÁRIO

Semelhanças e Originalidade

*Paolo Parise **

O mundo cristão se aproximou das experiências e tradições de Israel de formas diferentes e, às vezes, até antitéticas. No passado, Israel foi concebido como um povo tão diferente dos demais que quase parecia alheio ao contexto cultural em que formou sua identidade, e isso só pelo fato de ter sido o povo da Bíblia, escolhido por Deus. Em seguida, mais recentemente, passou-se ao extremo oposto, eliminando esta diferenciação em relação aos outros povos. Tornou-se, assim, um dos muitos povos do Oriente Médio daquela época, perdendo suas peculiaridades. Após esta oscilação entre continuidade e descontinuidade com a compreensão dos povos vizinhos, hoje a tentativa é a de se chegar a um maior equilíbrio, a uma síntese¹. O nosso ensaio se coloca nesta última postura. Israel foi se estruturando em contato com os povos vizinhos. Influenciou e foi influenciado. Isso vale para o processo que o leva progressivamente do politeísmo ao monoteísmo, os mitos fundacionais, as narrativas de heróis, a legislação, os rituais e muitas outras realidades. E vale, também, para o tema da acolhida e outros afins, como hospitalidade e hostilidade. Israel apresenta, ao mesmo tempo, algo de semelhante às populações vizinhas e algo de específico. Paralelos e originalidade sobre as compreensões e práticas de acolhida se misturam.

Aproximadamente desde 1200 a.C., Israel começa a se formar e vive na Palestina, num contexto geográfico e geopolítico caracterizado por muitos deslocamentos de povos, êxodos e migrações freqüentes. A Palestina é um lugar de passagem, um corredor entre o Egito e os grandes reinos ao redor do Eufrates (Babilônia e Assíria), percorrido continuamente por caravanas e exércitos estrangeiros. É um lugar onde a experiência do estrangeiro é um fato cotidiano. Além disso, a primeira fase da história de Israel se caracteriza por uma etapa nômade ou seminômade, na qual, mais uma vez, a experiência da acolhida é algo relevante. Estas diferentes variáveis ajudam a explicar a importância da acolhida para o Antigo Testamento e o Oriente Antigo em geral.

A seguir, será apresentado o tema da acolhida em Israel e no contexto do Oriente Médio. Num primeiro momento, de maneira quase estática, detectamos semelhanças e particularidades em relação às populações vizinhas contemporâneas. Num segundo, de maneira dinâmica e progressiva, retomaremos algumas etapas da história de Israel nessa ótica de continuidade e descontinuidade.

VISÃO SINCRÔNICA

No Antigo Testamento nos deparamos com uma ampla

/...

terminologia apta a descrever a acolhida² oferecida ou negada a uma pessoa. As atitudes em relação ao estrangeiro não são unívocas, mas se caracterizam por uma série de tonalidades que passam da distância e do medo até à aproximação, defesa e acolhida. O texto bíblico distingue vários tipos de estrangeiros: existe o estranho em geral, ou seja, aquele que vem de fora e que não pertence ao povo eleito: é o imigrado que vem morar em Israel, definido com o termo *ger*. Há também o estrangeiro de passagem, que não pretende se estabelecer em Israel, neste caso o termo é *nokri* (Bentoglio, 2007, p.94). Estas posturas, como já assinalamos anteriormente, são comuns aos povos do Oriente Médio (VVAA, 2006, p.59-60). De fato, nas sociedades primitivas em geral e no Oriente Médio em especial, o estrangeiro é estranho, basicamente um inimigo, visto ser um desconhecido, alguém envolvido por uma atmosfera de mistério. Posteriormente, emergiu o padrão de relacionamento com os estrangeiros, até enxergá-lo como mensageiro dos deuses. E por medo dos deuses se chegará a dar socorro e hospitalidade (Coenen e Brown, 2000, p.745).

Entre os gregos, por exemplo em Homero, o estranho e o mendigo vem de Zeus. Por isso, devem ser tratados com respeito. A cidade de Atenas mostra uma atitude aberta para com os estrangeiros. Enquanto a rival Esparta era especialmente hostil aos estrangeiros, como consequência de tendências puritanas da conjuntura por volta dos anos 600 a.C. Encontraremos até nas listas antigas de classificação dos vícios, que a injustiça aos estrangeiros encontra-se relacionada imediatamente após ao da impiedade e da falta de reverência aos pais (Coenen e Brown, 2000, p.745-746).

Além disso, no deserto, a hospitalidade é uma necessidade de vida. O hóspede é sagrado entre as tribos nômades. A incerteza e os perigos da vida nômade favorecem um clima de tensão entre segurança e insegurança, proteção e o perceber-se desprotegido (Epsztein, 1990, p.105-110). Sendo uma necessidade de sobrevivência comum, todos têm direito a ela por parte de todos. E isso ainda hoje é válido entre os modernos beduínos (Mckenzie, 1984, p. 429). Por outro lado, nas sociedades antigas, mas também atuais, o estrangeiro é visto como um estranho, de certo modo, objeto de suspeita e, até mesmo, como inimigo por definição (Mckenzie, 1984, p.311-312).

De maneira geral, o estrangeiro residente, que hoje chamaríamos de imigrante, usufrui de certos direitos nos povos do antigo Oriente Médio e também em outras culturas (Bentoglio, 2007, p. 59 e 62). Pode tratar-se de um indivíduo ou de um grupo. Em geral, do ponto de vista social, esses estrangeiros residentes são homens livres, e se opõem, portanto, aos escravos, apesar de não terem todos os direitos reconhecidos (Roland de Vaux, 2003, p.98-100).

O específico, porém, do relato bíblico não está no que foi descrito até agora. Como já frisamos, isso é comum a outras

culturas daquela época e região. Uma das novidades é que o Antigo Testamento coloca um estrangeiro no coração dos relatos de fundação de Israel (VVAA, 2006, p.62-63). Normalmente, os relatos de fundação põem no centro um herói que se afirma com força ou com inteligência e sabedoria. O dado antropológico de Israel é novo, pelo menos a partir dos dados relativos aos mitos de fundação que temos a nossa disposição até agora. Israel coloca no centro não um antepassado herói, mas um estrangeiro.

Outra particularidade que aparece com intensidade é a figura do profeta estrangeiro. Se entendemos o profeta, em sentido amplo, como testemunha de Deus, como pessoa, homem ou mulher dos quais Deus se serve para comunicar, então temos que admitir que na Bíblia existem muitos profetas estrangeiros (Bentoglio, 2007, p. 100-111). Entre eles lembramos Melquisedec, Raab, Naaman, etc.

VISÃO DIACRÔNICA

Até este ponto nos aproximamos de maneira estática à concepção de acolhida no contexto bíblico e extra-bíblico vétero-testamentário. De agora em diante, tentaremos esboçar a história da evolução da concepção da acolhida.

De antemão, temos que esclarecer uma postura errada que, em muitos casos, toma conta do leitor. Retomando a concepção de acolhida na evolução histórica de Israel podemos ter a impressão que com o passar do tempo aconteça um progresso, um amadurecimento. Isso, porém, não é automático, porque as experiências que marcam a história deste povo geram atitudes de abertura ou fechamento, confiança ou medo... “O ideal, mais uma vez, arrebenta-se contra o muro da realidade histórica. Universalismo e fechamento nacionalista estão em contínua contraposição, ao longo das páginas do livro sagrado. O Israel antigo encontrará sempre difícil o caminho da tolerância, da abertura, da acolhida, apesar dos estímulos, sugestões e impulsos” (Bentoglio, 2007, p. 96).

Seria necessário retomar o nosso tema em perspectiva de continuidade e descontinuidade em todas as etapas da história de Israel: nomadismo, sedentarização, monarquia, escravidão no Egito, profetismo, deportação na Babilônia, volta para Israel, período helenista... Em cada uma dessas etapas Israel desenvolve, modifica, altera a concepção de acolhida. Mas isso nos levaria a redigir um estudo muito mais complexo e de grandes proporções. Não podendo fazer isso, retomaremos dois momentos, sem entrar em detalhes: nomadismo e fase inicial de sedentarismo; o exílio na Babilônia.

Na origem os Israelitas e seus antepassados levam uma vida nômade ou seminômade. Até depois da sedentarização conservam traços desta primeira fase. No deserto a tribo é a unidade social mais importante e o indivíduo, separado de seu

/...

grupo “pode contar totalmente com a acolhida dos grupos que encontra em seu caminho ou aos quais se agrega. Qualquer um pode ter necessidade de tal ajuda, e todos devem prestá-la: este é o fundamento das leis de hospitalidade e de asilo” (Bentoglio, 2007, p. 22).

A tribo se considera descendente de um mesmo antepassado. O vínculo de sangue é o que une à mesma tribo. Contudo, às vezes grupos mais fracos são absorvidos por grupos mais fortes. Isso vale também no caso das tribos de Israel³. “A tribo de Judá absorveu a tribo de Simeão e alguns grupos estrangeiros (calebitas, geramelitas). No caso dos calebitas o processo é claro e pode ser acompanhado em Nm 32,12, Js 14.6,14 com a fase de integração em Js 15.13 ou Js 14.6-15” (Roland de Vaux, 2003, p. 23-25).

As tribos às vezes se unem em confederação por várias razões: enfrentar inimigos vizinhos comuns ou como divisão de uma tribo que se tornou muito numerosa. Israel e sua confederação em 12 tribos conhece situação análoga durante sua estada no deserto e durante a conquista de Canaã, situação que se prolonga após a sedentarização durante o período de juízes. O dado interessante no caso de Israel é que esta união não se baseia somente nestas razões, mas na fé comum em Javé (Js 24). Um vínculo especial entre as tribos as faz se encontrar por ocasião de grandes festas (Roland de Vaux, 2003, p.25).

Na época dos juízes e do respectivo sedentarismo, a organização tribal começa, progressivamente, a se dissolver. A tribo pouco a pouco se torna uma unidade territorial. No quadro da vida sedentária, o clã será representado pela aldeia e, em muitas genealogias de Crônicas, nomes de aldeias substituirão nomes de ancestrais (Roland de Vaux, 2003, p.32).

Quando os israelitas, estabelecidos em Canaã, consideram-se como os possuidores legítimos da terra, como o ‘povo da terra’, então os antigos habitantes, não assimilados por casamentos nem reduzidos à servidão, tornaram-se os gerím, aos quais se acrescentaram os imigrantes”... “do ponto de vista social, esses estrangeiros residentes são homens livres, e se opõem portanto, aos escravos, mas não têm todos os direitos cívicos, de modo que se contrapõem também aos cidadãos israelitas. (...) Eram geralmente pobres e são assimilados aos indigentes, às viúvas, aos órfãos, a todos os ‘economicamente fracos’, os quais são recomendados à caridade dos israelitas. (...) Como os outros pobres estão sob a proteção de Deus, Dt 10,18; Sl 146,9; Ml 3,5. Os israelitas ao assisti-los, devem recordar que eles também foram gerím no Egito, Ex 22,20; 23,9; Dt 24,18,22, e, por essa razão, devem inclusive amá-los como a si mesmos, Lv 19,34; Dt 10,19 (Roland de Vaux, 2003, p. 98-99).

A passagem da fase nômade à sedentária apresenta grandes desafios. As conquistas alcançadas na dimensão da hospitalidade correm o risco de deixar lugar à hostilidade. A posse e defesa da terra levam a enxergar o estrangeiro como ameaça.

Passando à outra etapa da história de Israel, bem posterior, o exílio na Babilônia, em concomitância com a destruição de Jerusalém, marca para sempre a vida deste povo. De repente, terminam as instituições sobre as quais tinha sido construída a vida da coletividade. Esta crise gera ao mesmo tempo uma nova tendência ao fechamento e à intolerância e se transforma em oportunidade de amadurecimento e purificação. No drama do exílio e no esforço de renovar sua fidelidade à Lei, Israel cai na tentação de perder a experiência acumulada: corre o perigo de se fechar em si mesmo, buscar uma identidade contra os outros, encontrar a santidade não na práxis, mas na pureza étnica (Bianchi, 2006, p.30). Ao mesmo tempo, surgem no pós-exílio vertentes de abertura para com o estrangeiro, como verdadeiras reações a esta fase xenófoba (Bianchi, 2006, p.31). É significativa a oração para o estrangeiro no momento da dedicação do templo (2 Cr 6,32-33). Ou mais claramente, esta reação aparece nos livros de Rute e de Jonas. Além disso, a experiência da deportação apresenta a oportunidade para uma nova tarefa: testemunhar no meio dos outros povos, estar em missão como grupo minoritário no meio dos estrangeiros. Isaías 42,6 lembra isso: “Eu te pus ... como luz das nações, a fim de abrir os olhos aos cegos...”. E ainda em 49,6 “Também te estabeleci como luz das nações, a fim de que a minha salvação chegue até as extremidades da terra”. O estrangeiro deixa de provocar medo e de ser uma ameaça. Torna-se um povo que deve ser iluminado. Um povo que pode ser acolhido.

*** Paolo Parise é Mestre em Teologia Sistemática e Prof. do ITESP - Instituto São Paulo de Estudos Superiores.**

NOTAS

1 - Para um visão sintética desta postura de síntese entre traços comuns e particularidades de Israel em relação a outros povos do Oriente Antigo ver (Gottwald, 1986, p. 678-692). Nesta parte, o autor expõe em primeiro lugar os “Paradigmas comuns do Deus supremo: do antigo Oriente Próximo e do primitivo Israel” (p.678-680) e, em seguida, os “Paradigmas diferenciados do Deus supremo: as primitivas mutações israelitas” (p. 681-692).

2 - Nas línguas antigas o termo “acolhida” pode ser reconduzido à raiz indoeuropéia *dek/dok* que inclui a idéia de adaptabilidade, acordo, aceitação, mas também espera, homenagem, serviço (Bentoglio,2006, p.117).

3 - É importante notar que os documentos bíblicos não permitem em nenhum momento captar a vida tribal em estado puro. As tradições sobre os patriarcas referem-se a famílias ou, no máximo, a clãs; deve-se reconhecer que os relatos sobre a estada no deserto e sobre a conquista de Canaã foram, via de regra, esquematizados de forma favorável a “todo Israel”, em detrimento da individualidade das tribos.

/...